

# Mayombe

de Pepetela

por Marina Oliveira Felix de Mello Chaves



# AOL

Análise de Obras Literárias

SISTEMA DE ENSINO  
**POLIEDRO**

# EXPEDIENTE

SISTEMA DE ENSINO  
**POLIEDRO**

**Diretor Geral:**  
Roger Trimer.

**Gerente editorial:**  
João Carlos Puglisi.

**Coordenadora de projeto editorial:**  
Marília L. dos Santos G. Ribeiro.

**Assistente de coordenação de projetos editoriais:**  
Yara C. de Oliveira.

**Coordenadora de produção editorial:**  
Livia Scherrer dos Santos.

**Colaboradora externa:**  
Roberta O. Stracieri.

**Editora de texto:**  
Tamires Faria Fonseca.

**Coordenadora de revisão:**  
Mariana Castelo Queiroz.

**Revisoras:**  
Carolina Joffily, Giselle Lourenço e Vivian Prado de Souza.

**Editores de arte:**  
Kleber S. Portela e Wellington Paulo.

**Diagramador:**  
Alexandre Moreira Lemes.

**Ilustrador:**  
Rafael Coelho Vilarino.

**Coordenadora de licenciamento:**  
Kelly Garcia.

**Analistas de licenciamento:**  
Letícia Aparecida Tashiro, Margarita Veloso e Souza e Nathalie Furtado Dias Pimentel.

**Analista de produção editorial:**  
Claudia Moreno Fernandes.

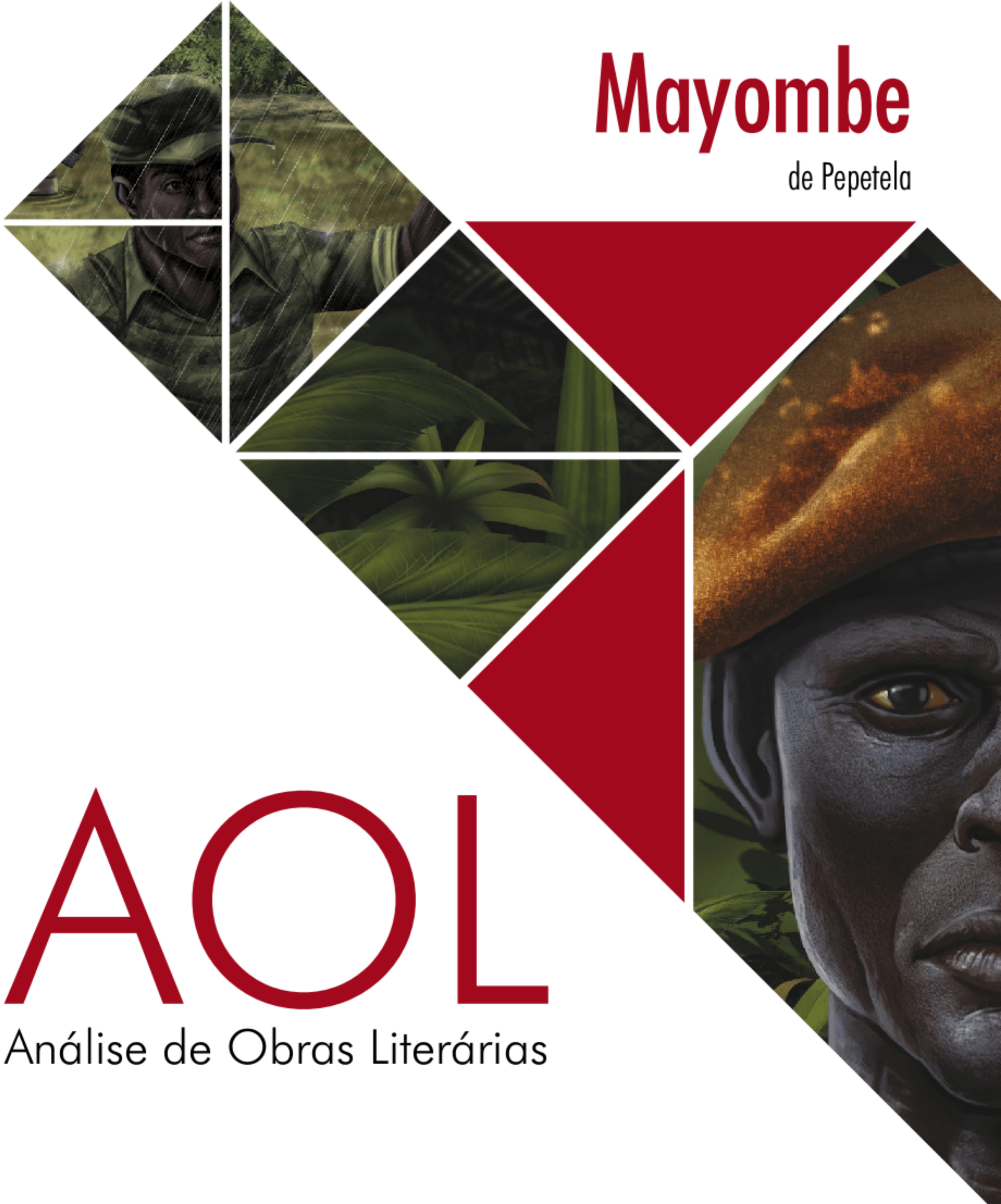
**Coordenador de PCP:**  
Anderson Flávio Correia.

**Analista de PCP:**  
Vandré Luis Soares.

**Projeto gráfico e capa:**  
Kleber S. Portela.

# Mayombe

de Pepetela



# AOL

Análise de Obras Literárias

# Mayombe

de Pepetela

*O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. [...] E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais.*

**Dessa maneira Pepetela começa a descrever a instalação da base de guerrilheiros de Angola pela libertação nacional do regime colonial, desenvolvendo um texto que nos remete a um período intenso e de fundamental importância para a história desse país.**

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: PEPETELA. *Mayombe*. 5 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.



## INTRODUÇÃO ▼

Pepetela significa “pestana”, em umbundo (língua banta falada em Angola), e foi escolhido como nome de guerra para Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos durante a guerrilha, que, segundo o escritor, foi o melhor período de sua vida.

Angola é um dos cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), além de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, todos ex-colônias de Portugal que, há apenas pouco mais de quarenta anos, se tornaram independentes. Os momentos precedentes à independência de Angola, a qual ocorreu em 1974, representaram uma fase de euforia e luz nas antigas colônias africanas, pois os ideais de liberdade iluminavam os planos de formação de uma nação mais justa e de uma sociedade mais igualitária.

A partir de 1932, Portugal passou a viver sob a ditadura de António de Oliveira Salazar, que ainda vislumbrava a manutenção de um império sustentado por colônias na África. Da segunda metade do século XX em diante (pós-Segunda Guerra Mundial), os países africanos começaram a reivindicar por transformações políticas.

Esse movimento se iniciou primeiramente entre os intelectuais e artistas, que se sentiam incumbidos de disseminar os ideais de libertação para o povo. Assim, as expressões literárias desse período buscavam abrir os olhos da população em relação ao caráter opressivo do regime a que ela estava submetida. Era preciso mostrar que existia a opção de conquistar um mundo melhor; para isso, chamava-se o povo à luta, pois, para que uma revolução pudesse acontecer, todos deviam estar unidos por uma causa comum.

Dessa forma, escritores e demais intelectuais se mobilizaram com trabalhadores do campo e da cidade para formar a guerrilha que venceria o exército colonial português.

### Observação:

É interessante perceber que a língua portuguesa foi a chave do sucesso dessa empreitada. Em Angola, por exemplo, falam-se inúmeros idiomas, além do português. No entanto, foi através do idioma falado pelo dominador que o dominado teve a ferramenta para se comunicar com o povo, unificá-lo e vencer os colonizadores.



Reprodução da bandeira de Angola adotada em 1975.

Segundo Pepetela, é justo fazer uma guerra em determinadas situações, por exemplo, quando uma potência, embora saiba que o povo dominado quer ser independente, ainda sim tem a intenção de manter, de qualquer maneira, um regime colonial. A guerra que aconteceu na África foi pouco noticiada, por isso há poucos registros dela, tampouco há um nome consensual que a defina. Algumas instâncias nem sequer reconheceram que houve uma guerra, e há entidades que a classificaram apenas como “atos terroristas”.

Os livros e filmes pretendem mostrar ao mundo que o que houve foi um processo bastante complexo, em que a utopia chegou muito perto de se concretizar. Assim, *Mayombe*, além de ser uma obra fundamental para se entender esse episódio da história de Angola, também é importante para se compreender as razões e os caminhos de um grupo determinado

### Observação:

*Mayombe* foi traduzido para inglês, espanhol, italiano, alemão, búlgaro, servo-croata e japonês.

a encontrar soluções a fim de criar uma sociedade melhor. Isso é suficiente para interessar leitores de qualquer parte do mundo.

É evidente a proximidade entre Brasil e África: além de falarmos a mesma língua, partilhamos a mesma herança colonial portuguesa. Também temos aspectos culturais e traços físicos em comum (um povo formado por negros, brancos e mestiços) e fomos submetidos a semelhantes processos de formação nacional, que ocorreram de maneira bastante forçada.

Embora no Brasil não tenha havido guerra de libertação, o processo de criação da nação brasileira foi igualmente forçado e artificial, por isso, assim como na literatura brasileira, o papel da identidade nacional é uma preocupação constante entre os escritores e demais artistas africanos. Os procedimentos literários são parecidos, tendo os escritores africanos até se inspirado significativamente na literatura brasileira, em especial na modernista e na regionalista.

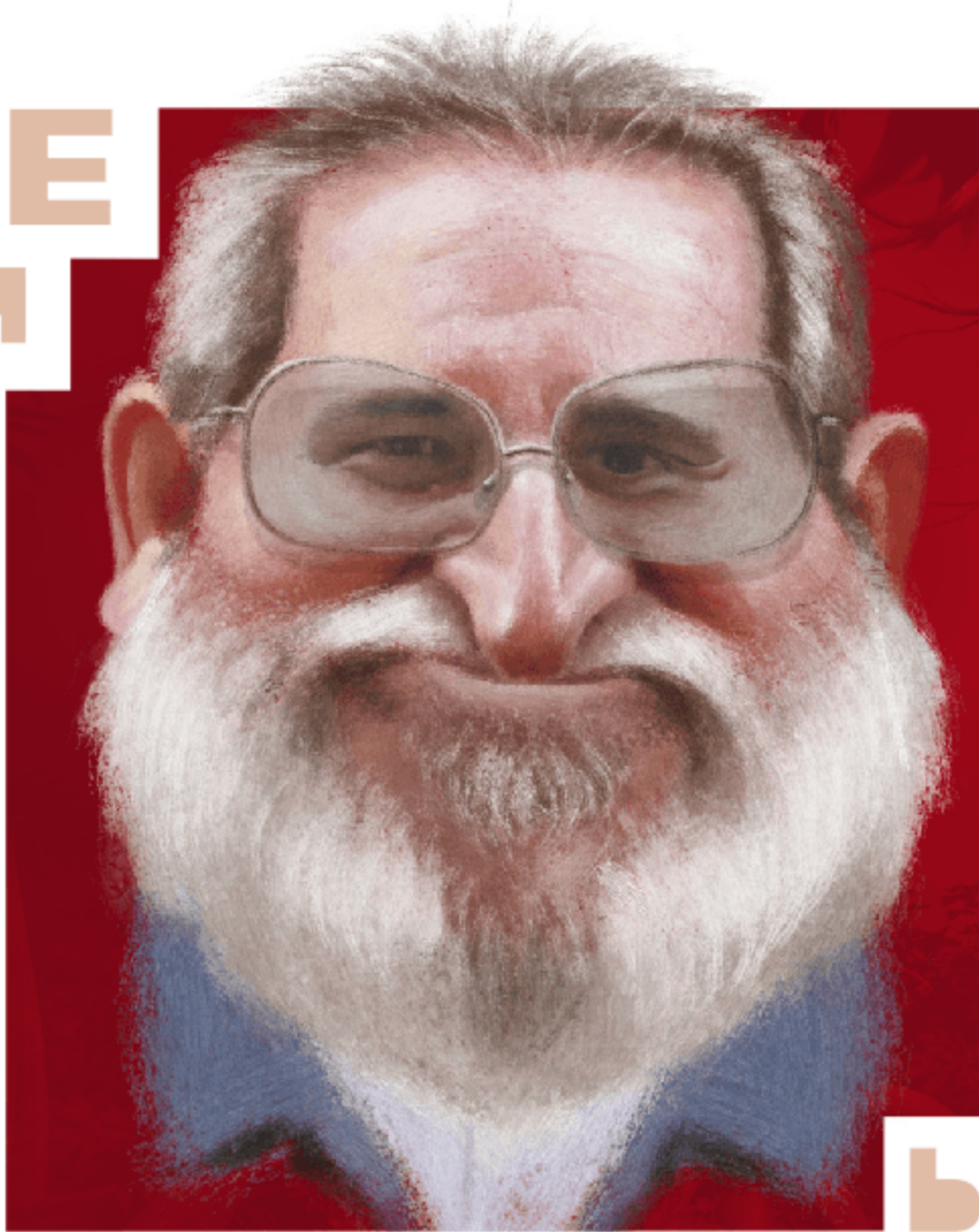
Pepetela é um dos autores africanos mais estudados nas universidades do Brasil. Desde que foram aprovadas leis que incluem conteúdos relacionados às culturas africanas nas escolas brasileiras, tem crescido o esforço no Brasil para conhecer os países africanos de língua portuguesa.



## SOBRE O AUTOR ▼

### Biografia do autor

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos nasceu em 29 de outubro de 1941, em Benguela (capital da província de Benguela), no Oeste de Angola. A família de sua mãe estava radicada em Angola há pelo menos cinco gerações, e seus avós paternos foram imigrantes portugueses.



**PEPETETELA**



Concluiu os estudos no Liceu Diogo Cão, situado em Lubango (cidade do Sul de Angola, capital da província da Huíla). Em 1958, Pepetela passou a morar em Lisboa, onde iniciou o curso de Engenharia (no Instituto Superior Técnico), do qual desistiu, optando por se matricular em História na Faculdade de Letras de Lisboa.

Desde que esteve em Portugal, participou de diversas organizações estudantis e frequentou a Casa dos Estudantes do Império (CEI), tendo sido eleito para compor sua Assembleia Geral.

### Observação:

A Casa dos Estudantes do Império foi fundada em 1944, com sede em Lisboa e duas delegações em Coimbra. Tinha como função original prestar apoio e suporte aos estudantes provenientes dos territórios ultramarinos. Essa associação exerceu papel fundamental nos processos de independência das ex-colônias, sendo um ponto de encontro e formação de líderes, pensadores e realizadores da luta. Funcionou até 1965, quando foi fechada pela polícia do regime ditatorial de Salazar.

PEPETELA PEPEETE  
EPE EPEETE  
TEPEETE  
EPEETE  
EPEETE  
EPEETE  
EPEETE  
EPEETE  
EPEETE  
EPEETE



**Observação:**

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) começou nos anos 1950, como um grupo anticolonial de orientação socialista-comunista. No início da década de 1960, o movimento partiu para a luta armada e tornou-se uma atividade organizacional e militar. Após a conquista da independência, o MPLA se tornou o partido político que governa o país desde então. Há dois outros partidos relevantes que fizeram percurso semelhante pela libertação: a União Nacional pela Libertação Total de Angola (Unita) e a Frente Nacional pela Libertação de Angola (FNLA). Esses foram também os protagonistas da guerra civil que sucedeu a guerra pela independência.

Em 1962, Pepetela mudou-se para Paris para escapar da convocação do exército colonial. Após seis meses, transferiu-se para Argel (capital da Argélia), onde se formou em Sociologia pela Universidade de Argel. Unido a outros escritores, fundou o Centro de Estudos Angolanos e, nessa fase, já estava totalmente engajado com a luta de libertação e com o MPLA.

Em 1969, Pepetela foi recrutado para a luta armada, participando ativamente das ações de combate e, também, atuando como jornalista na Angola Combatente, estação de rádio do MPLA, e como responsável pela educação. Dali em diante, exerceu diversas funções importantes no MPLA. Foi nessa fase, enquanto vivia na guerrilha – mais precisamente em 1971 –, que Pepetela escreveu *Mayombe*.

A independência política de Angola foi declarada em 1974. Nos anos seguintes, Pepetela participou da União dos Escritores Angolanos (UEA), na qual exerceu diversos cargos de prestígio. Passou a compor o quadro do novo governo angolano a partir de 1976, em que ficou até 1982. Mais tarde, passou a lecionar na Universidade Agostinho Neto e, atualmente, vive em Luanda.

Em 1997, Pepetela recebeu o Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra.

**O autor e seu período**

A história de Pepetela e as contadas por ele estão completamente misturadas com a história de Angola, pois o autor participou da tarefa de “fazer” a nação que vive e conta. Assim, a ficção, a realidade, a história e a utopia estão todas embaralhadas no universo de Pepetela.

Diversos povos e civilizações habitaram a região de Angola – nem sempre de forma pacífica – antes da chegada e instalação dos portugueses (entre os séculos XV e XVI). Os reinos locais fizeram alianças e negociações com os recém-chegados europeus que vinham explorar o vasto território, e rapidamente desenvolveu-se o esquema para enviar escravizados para as plantações de cana-de-açúcar do Brasil. Esse esquema se organizou a ponto de virar um mercado, que alguns historiadores nomearam “comércio de escravos”; e outros, “holocausto da escravidão”.

**Observação:**

O tráfico de escravos foi um episódio da história ocidental muito complexo e traumático. Há muitas implicações envolvidas nesse enorme processo de imigração forçada que podem ser estudadas melhor. Nesta análise, é importante entender que o mercado de escravizados foi uma etapa do processo de conquista de um império ultramarino português.

Essa operação funcionou a todo vapor até final do século XVIII. Depois da Independência do Brasil (1822), iniciou-se a fase de colonização do território de Angola, e, a partir de 1900, intensificaram-se os projetos de desenvolvimento econômico na colônia, com base na estabilização das produções voltadas à exportação, especialmente de cana-de-açúcar, café, milho e sisal. Além disso, desenvolveu-se a exploração de minérios de ferro e, mais recentemente, a exploração petrolífera.

Esses projetos foram gerenciados pelos portugueses ao longo do século XX e acompanhados de um intenso fluxo migratório. Apenas entre os anos 1940 e 1950, período em que estoura a Segunda Guerra Mundial, mais de 100 mil portugueses saíram de sua terra natal com destino às colônias. Da década de 1950 em diante, a descolonização se tornou o foco de todos os esforços, criando uma nova fase de tensão; as outras colônias africanas já ansiavam por levantar suas bandeiras de independência, chamando atenção para o assunto no âmbito internacional.



Diante desse cenário, formam-se os movimentos de libertação, dentre os quais se destacam: União das Populações de Angola (UPA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) e Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Não tardou para que esses movimentos, unidos contra um inimigo comum, iniciassem uma luta armada contra o colonialismo português.

Portugal era governado pela ditadura de Salazar desde 1932, que insistiu até o fim na manutenção do império ultramarino. Milhares de soldados portugueses foram mobilizados para esse conflito armado, que ficou conhecido como “guerras coloniais”, ou “lutas de libertação”. As tropas portuguesas combateram as guerrilhas anticoloniais por mais de uma década (1961-1974).

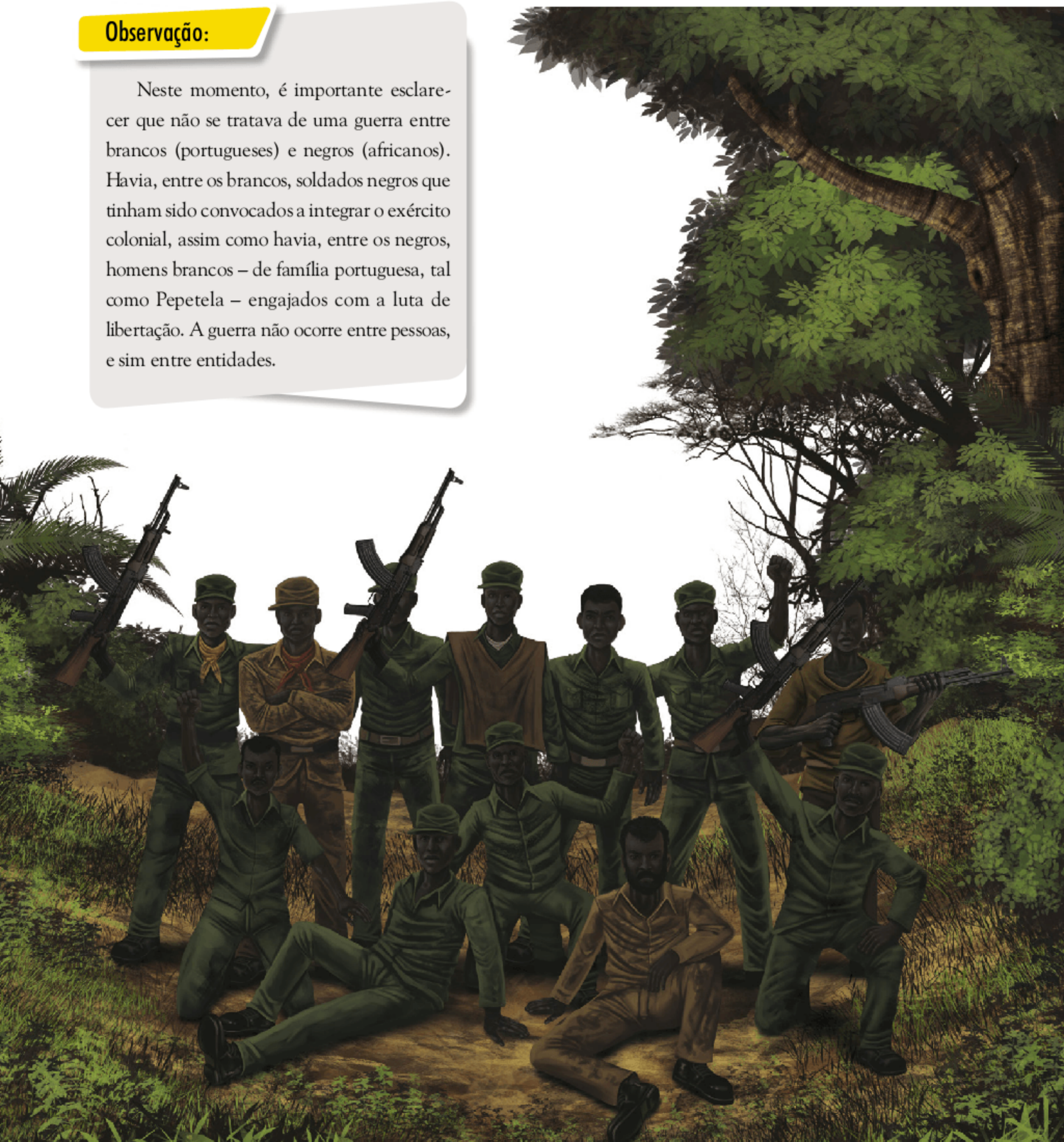
#### Observação:

De acordo com informação apresentada na sinopse do documentário *Guerra ou paz* (2012), de Rui Simões, “entre 1961 e 1974, 100.000 jovens portugueses partiram para a guerra nas ex-colônias. No mesmo período, outros 100.000 saíram de Portugal para não fazer essa mesma guerra”.

Os movimentos de guerrilha tornaram-se cada vez mais fortes e foram cada vez mais conquistando o apoio da população. Era preciso fortalecer a guerrilha e, para isso, esses movimentos percorriam o interior do país em busca de potenciais combatentes. O mais importante era obter adesão às ideias a favor de uma nação livre, pois a descolonização cultural era a tarefa mais difícil de realizar do que a descolonização política.

### Observação:











Neste momento, é importante esclarecer que não se tratava de uma guerra entre brancos (portugueses) e negros (africanos). Havia, entre os brancos, soldados negros que tinham sido convocados a integrar o exército colonial, assim como havia, entre os negros, homens brancos – de família portuguesa, tal como Pepetela – engajados com a luta de libertação. A guerra não ocorre entre pessoas, e sim entre entidades.



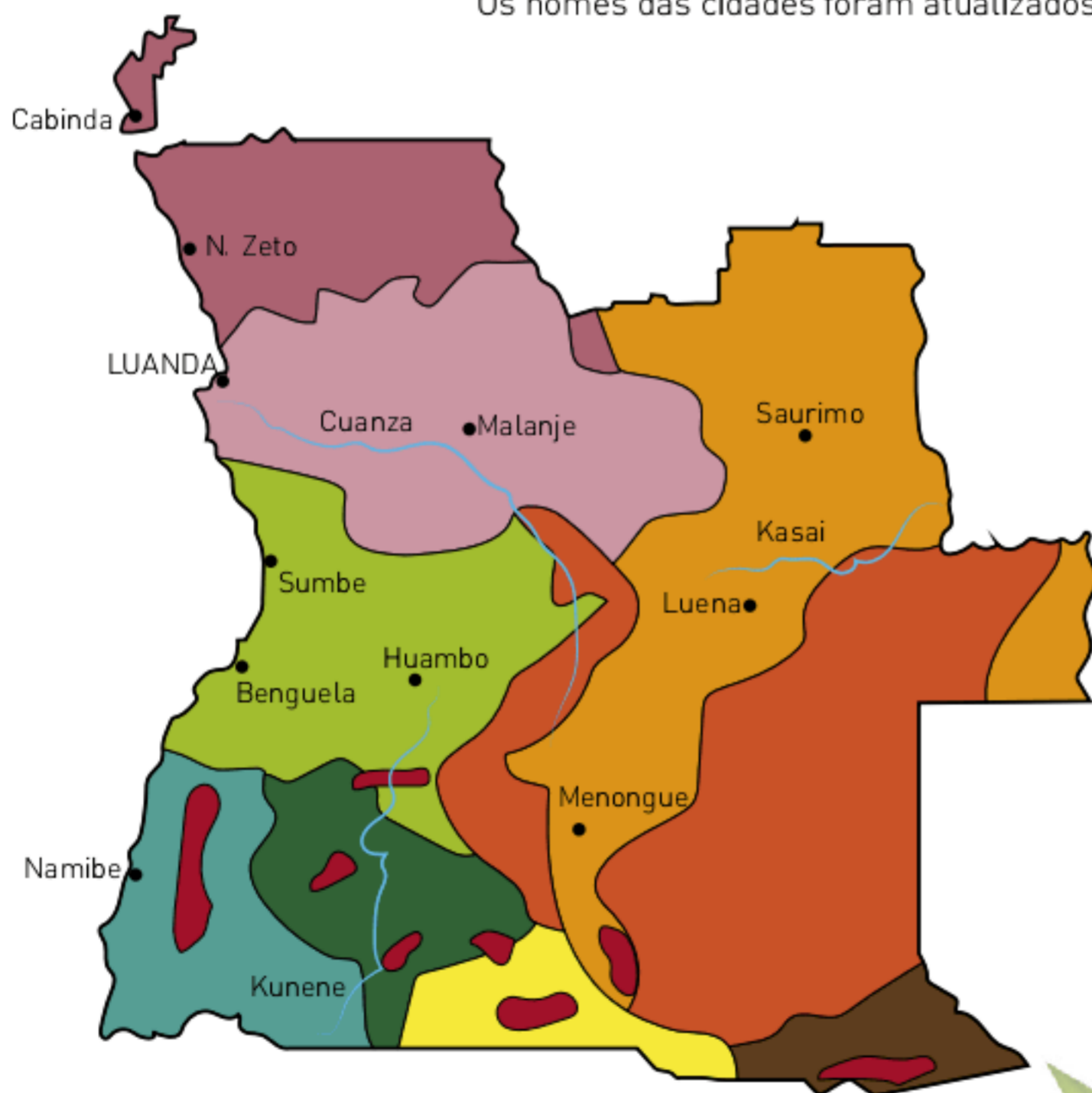
Nesse sentido, os livros, os filmes e as músicas atuaram como verdadeiras armas. Entre guerrilheiros, estavam poetas a fazer a independência. Os movimentos que aconteciam na África abriram os precedentes, em Portugal, para a Revolução dos Cravos, que ocorreu como resultado de uma grande disseminação de ideais de liberdade.

Enfim, tudo se tornou favorável ao fim do colonialismo, e então foi declarada a independência de Angola (1974) e a das demais ex-colônias portuguesas. Esses momentos de luz e celebração, no entanto, foram muito breves. Em Angola, logo se iniciou uma guerra civil entre aqueles grupos que formaram os movimentos em prol da independência, os quais passaram a disputar o controle da recém-nascida nação. Os principais inimigos foram o MPLA e a Unita, que nunca conseguiram se entender, visto que as diferenças entre esses grupos são antigas, suas lideranças são incompatíveis e se somam a conflitos que já ocorriam entre as tribos rivais.

### Distribuição geográfica dos grupos étnicos de Angola em 1970

Bantu			Outros
 Ovambo	 Ganguela	 Bakongo	 Khoisan
 Herero	 Ovimbundu	 Ambundu	
 Xindonga	 Nhaneca-Humbe	 Chokwe	

Os nomes das cidades foram atualizados.



### Observação:

As terras africanas eram povoadas por inúmeras tribos, e muitas delas eram rivais. Essa rivalidade já existia antes do período colonial, mas a delimitação geográfica dos territórios africanos desenhada pelos europeus tornou tais embates ainda mais problemáticos. As divisas do mapa eurocêntrico não necessariamente corresponderam às divisas já combinadas pelos reinos antigos, impondo condições e dificuldades novas a povos que já não se entendiam.

A tensão só crescia e acabou por estourar em uma guerra civil, que foi ainda muito mais desastrosa que a Guerra de Independência. Os grupos receberam apoio de potências estrangeiras, o que acabou por engrossar ainda mais o conflito, dando-lhe uma dimensão internacional. De um lado, a União Soviética e Cuba se envolviam com o MPLA; de outro, Estados Unidos e África do Sul se envolviam com a Unita.

A guerra civil de Angola – para a qual, visando sua intensificação, forças opostas prestaram toda assistência bélica necessária – foi um campo de batalha da Guerra Fria, e durou 27 anos, sendo responsável por mais de 500 mil mortes, por mais de um milhão de deslocamentos internos, pela emigração de cerca de 800 mil portugueses, pelo trauma causado em inúmeras gerações de famílias e pela total devastação da infraestrutura, da economia e da administração pública.

O MPLA foi o grupo – proclamado como sendo um partido marxista-leninista – que tomou o poder e formou um governo socialista unipartidário. Com o desmoronamento da União Soviética, o projeto forjado de um socialismo operante foi se modificando. Em 1991, o governo autorizou o multipartidarismo, e, em 1992, houve as primeiras eleições. O Ocidente passou a dar apoio ao governo do MPLA no final daquela década de 1990. Apenas em 2002, a guerra parou, com o fim dos financiamentos militares e a morte do líder histórico da Unita.

Atualmente, o MPLA ainda é o partido no poder, e a Unita é uma força política de oposição. Angola enfrenta inúmeros problemas típicos de uma

modernidade imposta à força sob os valores do neoliberalismo. A proposta socialista nunca se consumou e, em seu lugar, chegou a ordem do acúmulo de capital. A sociedade desorganizada e submetida a um fraco poder público se desenha com uma desigualdade caótica e assombrosa.

Embora a década de 1970 tenha sido permeada por luz e esperança, a partir de 1990 mostrou-se o desencanto. Esse sentimento, porém, não pode ser conclusivo sobre a sociedade angolana. A consciência de tudo o que o país já viveu sempre permite alguma esperança, especialmente na literatura, na qual não há espaço para se conformar.

A produção de Pepetela abrange obras que remetem desde o período pré-colonial até a atualidade. Nas últimas quatro décadas, o escritor viu seu país passar por todas essas intensas transformações descritas anteriormente. Sendo assim, é importante reconhecer a formação da identidade nacional como um ponto norteador do sistema literário angolano. De maneira muito semelhante – porém com décadas de diferença –, os escritores angolanos percorreram um caminho já vivido pelos representantes do Romantismo brasileiro e, posteriormente, do Modernismo.

Como no Brasil, os escritores angolanos estavam dispostos a produzir textos literários que cooperassem com o processo de definição da nação, durante o nascimento da pátria, visto que Angola é ainda muito nova. A questão sobre a função da obra literária e o papel social do escritor são, então, muito pertinentes ao período.



Além dessa questão, o elemento social é uma força constante na literatura africana. Conscientes da situação injusta imposta à maioria da população do país, os escritores assumiram a responsabilidade de criar o desejo de mudança. Nesse sentido, serviram como inspiração e referência os romances regionalistas do Brasil da década de 1930, de autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego. Já o modelo europeu é o apresentado durante o Neorrealismo português.

Esses são os pontos para os quais converge a literatura de Pepetela, mesmo quando ele perpassa por um caminho ou tempo distantes. Assim, em *Mayombe* e em outras obras desse período inicial, a energia é concentrada na projeção da utopia e na vontade de ver um mundo melhor. Aos poucos, o escritor expressou o ressentimento ao perceber o sonho perdido da construção da nação angolana.

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

### Obras do autor

#### Livros:

- *As aventuras de Ngunga* (1972)
- *Muana Puó* (1978)
- *Mayombe* (1980)
- *Yaka* (1984)
- *O cão e os calus* (1985)
- *Lueji: o nascimento dum império* (1989)
- *A geração da utopia* (1992)
- *O desejo de Kianda* (1995)
- *Parábola do cágado velho* (1996)
- *A gloriosa família* (1997)
- *A montanha da água lilás* (2000)
- *Jaime Bunda, agente secreto* (2001)
- *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003)
- *Predadores* (2005)
- *O terrorista de Berkeley* (2007)

- *O quase fim do mundo* (2008)
- *Contos de morte* (2008)
- *O planalto e a estepe* (2009)
- *A sul. O sombreiro* (2011)
- *O tímido e as mulheres* (2013)

#### Peças:

- *A corda* (1978)
- *A revolta da casa dos ídolos* (1980)

#### Crônicas:

- *Crônicas maldispostas* (2015)

#### Resenha:

- *Luandando* (1989)

## Aspectos gerais da produção literária do autor

Um problema constante nos nossos estudos sobre as literaturas africanas é a falta de instrumentos adequados para a análise desse novo sistema literário, que faz parte um universo cultural distinto do nosso.

As sociedades africanas tradicionais são predominantemente orais, o que apresenta uma evidente incompatibilidade com a consolidação de uma literatura escrita. Além disso, são muito diversas as concepções não ocidentais: há distintas percepções de tempo, espaço e sujeito, bem como diferentes religiões e estruturas internas de poder; portanto, existe uma gama variada de instâncias para a construção de narrativas.

O romance é o gênero literário que Pepetela mais escreve – e esse fato merece destaque, pois, nas literaturas africanas em geral, todo o universo cultural é marcado pela tradição oral. É claro que a literatura é associada ao mundo da escrita, mas outros gêneros, como a poesia e até mesmo o conto, são mais próximos da oralidade. No entanto, para produzir uma obra que abranja toda a complexidade da história de Angola, o romance certamente é a proposta mais conveniente para o projeto literário de Pepetela – cuja preferência é por uma linguagem mais direta e um estilo seco.

Muitas das obras de Pepetela estão intensamente relacionadas à própria história de Angola, sendo difícil, para o leitor, distinguir o que é parte da narrativa ficcional e o que é registro histórico. Além disso, o escritor utiliza a escrita para organizar sua visão sobre as transformações, os impasses e as contradições de seu país.

O tema da construção da nacionalidade é constante nas obras desse autor, atento aos acontecimentos ao seu redor, mas o modo como ele aborda a formação nacional varia bastante se observarmos sua produção desde o início. Seu primeiro livro – *As aventuras de Ngunga* – foi claramente um romance escrito com intenções didáticas, a fim de instruir a população e os guerrilheiros de seu país. Era daquilo que o país precisava no momento: uma narrativa muito simples e repleta de boas intenções ao projetar uma nação.



Na década de 1970, quando *Mayombe* foi escrito, o tema é muito mais marcado pela utopia. Já em um momento mais avançado, na década de 1990, Pepetela revela um questionamento a essa utopia, apresentando um resultado nada otimista: o objeto central do romance *A geração da utopia*, por exemplo, é toda essa geração que foi atrás da conquista da independência – a mesma apresentada em *Mayombe* –, porém, dessa vez, o tom amargo da desilusão mostra a real avaliação das últimas décadas; assim, temos a impressão de que as mesmas personagens e os mesmos locais adquirem outros traços nessa narrativa muito mais desencantada. Enquanto em *Mayombe* o espaço é um elemento estrutural de forte significado no processo narrativo, em *A geração da utopia* o elemento de destaque é o tempo – o texto dessa obra começa com um resgate de memória do narrador autor, que conta como fora arduamente repreendido por um professor que associou uma particularidade de seu uso da língua portuguesa, típica do modo de falar dos angolanos, a uma suposta ignorância de um aluno que viveu nas colônias:

*Portanto, só os ciclos eram eternos.*

*(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitiva e prudentemente o autor.)*

Pepetela. *A geração da utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

Nesse trecho, podemos observar uma delação bem-humorada do desejo de vencer o sentimento de inferioridade sempre atribuído aos colonizados. O escritor sai vitorioso, pois cumpre sua promessa. Depois de tantos anos de luta, projeções e decepções, ao menos o escritor esbanja o pleno domínio da língua e seu desempenho literário no mais cobiçado gênero (romance). Em tal sentido, é possível dizer que mesmo em um de seus romances mais desiludidos há um aspecto que acenda à vitória.

### Observação:

Pepetela recebeu prêmios importantes, dentre os quais se destacam: o Prêmio da Associação Paulista de Crítico de Arte (em 1993) e o Prêmio Camões (em 1997). O livro *Mayombe* lhe rendeu o Prêmio Nacional de Literatura, em 1981.

## Aspectos gerais sobre a obra analisada

*Mayombe* é uma obra fundamental na história da literatura angolana. No romance escrito em intervalos de combate, Pepetela esteve presencialmente entregue à luta que narra, na qual a vitória, assumida como um dado real, é ainda uma previsão que, de fato, se concretiza alguns anos depois.

Tudo começou com um comunicado de guerra a ser enviado para a rádio. Pepetela, porém, achou que tinha muito mais a escrever e que um breve comunicado era muito pouco para falar sobre o que estava acontecendo. Tirou a primeira página, que enviou com a informação para a rádio, e começou a escrever o livro. Talvez por isso *Mayombe* apresente alguns aspectos jornalísticos ou cinematográficos, conforme o próprio autor reconhece.

### Estrutura narrativa

O enredo da narrativa trata do processo de amadurecimento de um jovem guerrilheiro durante sua participação em um conjunto de ações armadas. Toda a história se passa na floresta Mayombe, situada na província angolana de Cabinda, durante plena luta de libertação nacional (ou guerra colonial).

Os guerrilheiros do MPLA se confrontam com diversas questões, desde os planos de batalha contra as tropas portuguesas, passando por todas as questões ideológicas em torno da formação da nação independente que se busca conquistar, até as dificuldades de enfrentar todos os perigos vividos com tão poucos recursos de sobrevivência na floresta.

O enredo é muito simples, mas cada ação é construtiva e exemplar. Cada etapa do movimento de guerrilha é discutida pelos participantes, revelando guerrilheiros sempre dispostos a refletir sobre o que está se passando. Os acontecimentos, além de narrados, são também comentados por narradores que se apresentam – “Eu, o narrador, sou (nome de guerra de quem fala então)” –, e, assim, passamos a saber mais sobre as histórias, os pensamentos e as confidências de cada combatente.

Cada narrador personagem apresenta um ponto de vista sobre os acontecimentos que estão sendo narrados. Desse modo, o leitor é convidado a conhecer mais sobre as angústias, diferenças e desavenças entre os guerrilheiros. As ideias políticas são expostas e explicadas, muitas vezes de uma forma quase didática.

As personagens são delineadas mais como figurações sociológicas que literárias. Os portugueses são coadjuvantes sem qualquer importância, não recebem sequer estatuto de personagem: são apenas um bloco adjunto que designa o inimigo.

Pelas personagens, descobrimos como funciona a organização interna do MPLA. O Comandante Sem Medo é o líder das ações na base, e, na direção, estão o Comissário Político e o Chefe das Operações. Entre os demais guerrilheiros, há um enfermeiro (Pangú-a-kitina), um professor (Teoria), um intelectual (Mundo-Novo), um antigo marinheiro (Muatiânvua), entre outros (Lutamos, Verdade etc.), cada um contribuindo como pode para a sobrevivência e para o avanço da luta.



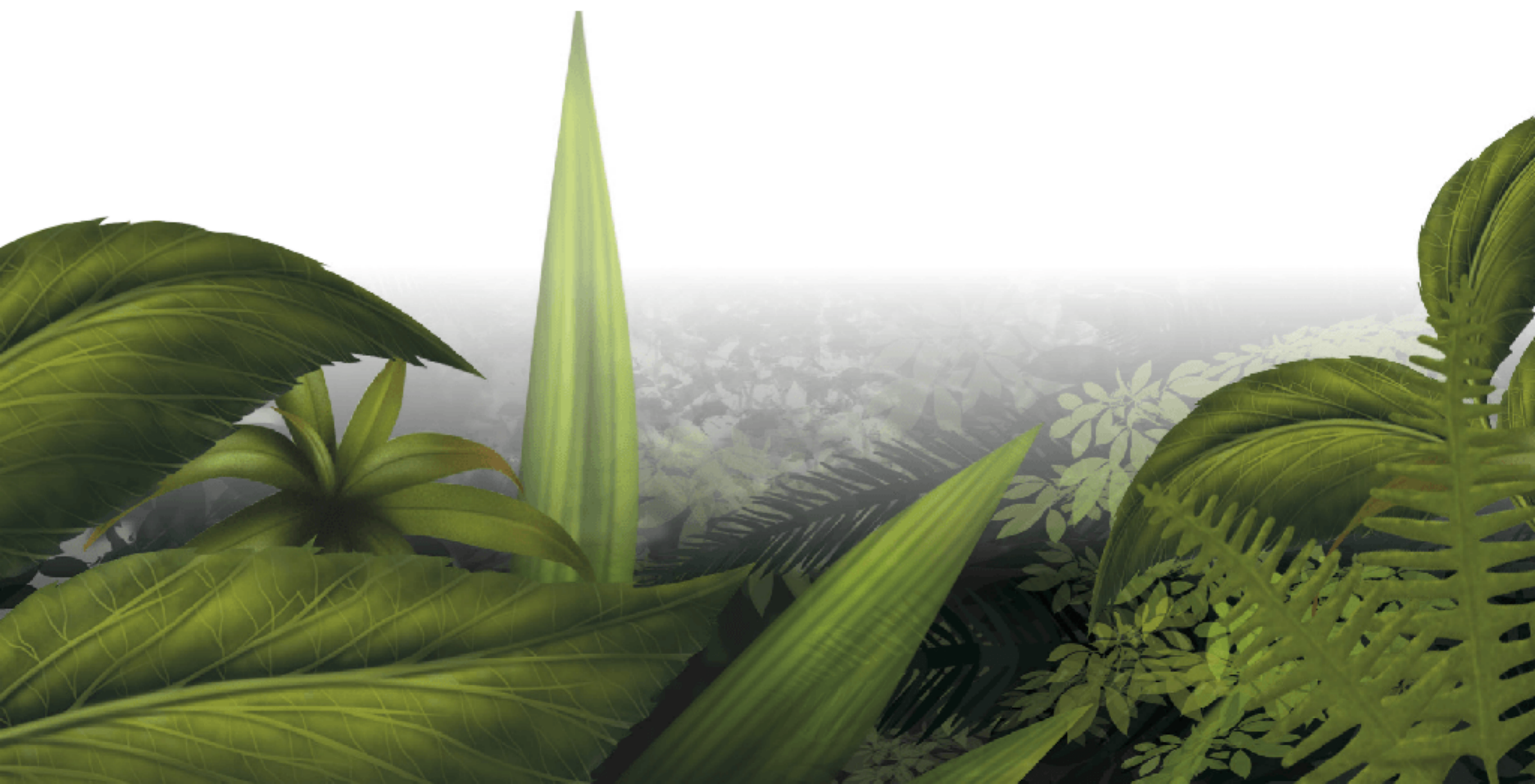


Distante da base, que fica no meio da mata do Mayombe, está Dolisie, o centro mais próximo – onde se situa a organização e direção do partido. Ali fica o dirigente André, que desde o início é apresentado como alguém de caráter duvidoso. Perto dali, há uma escola, em que Ondina, noiva do Comissário Político, leciona.

O romance é dividido em cinco capítulos:

- “A Missão”, em que os guerrilheiros passam por um combate contra os soldados portugueses, do qual saem vitoriosos, além de praticarem uma ação com os trabalhadores de Cabinda.
- “A base”, em que novos guerrilheiros chegam à base e o Comissário é encarregado de ir a Dolisie resolver questões de abastecimento, aproveitando para se encontrar com sua noiva.
- “Ondina”, quando o Comissário recebe a notícia de que Ondina tivera relações com André. Além de sinalizar o rompimento do noivado, tal acontecimento desestabiliza a direção do partido e abre possibilidades para gerar mudanças em sua estrutura (André será expulso, o Comandante ocupará seu posto e depois será transferido).
- “A surucucu”, em que o Comandante tem relações com Ondina e um novo ataque colonialista é anunciado.
- “A amoreira”, quando ocorre o último combate do Comandante.

O enfoque maior é dado ao Comissário Político, ao Comandante e à relação curiosa que se forma entre eles. No primeiro momento, a relação de respeito e amizade parece predominar, mas há momentos em que a proximidade ultrapassa os limites e se torna ora paternal, ora mistificadora, conforme as próprias personagens assumem. Depois de um desentendimento relacionado a uma mulher (o Comissário pede ajuda ao Comandante para se entender com sua noiva, o que este se recusa a fazer, por julgar-se incapaz de ajudar), há uma repulsa entre os dois. No final do romance, esse movimento se inverte, ocorrendo uma identificação entre as personalidades, como se um fosse o outro com “uma década de Revolução” de diferença.



## Unificação das vozes

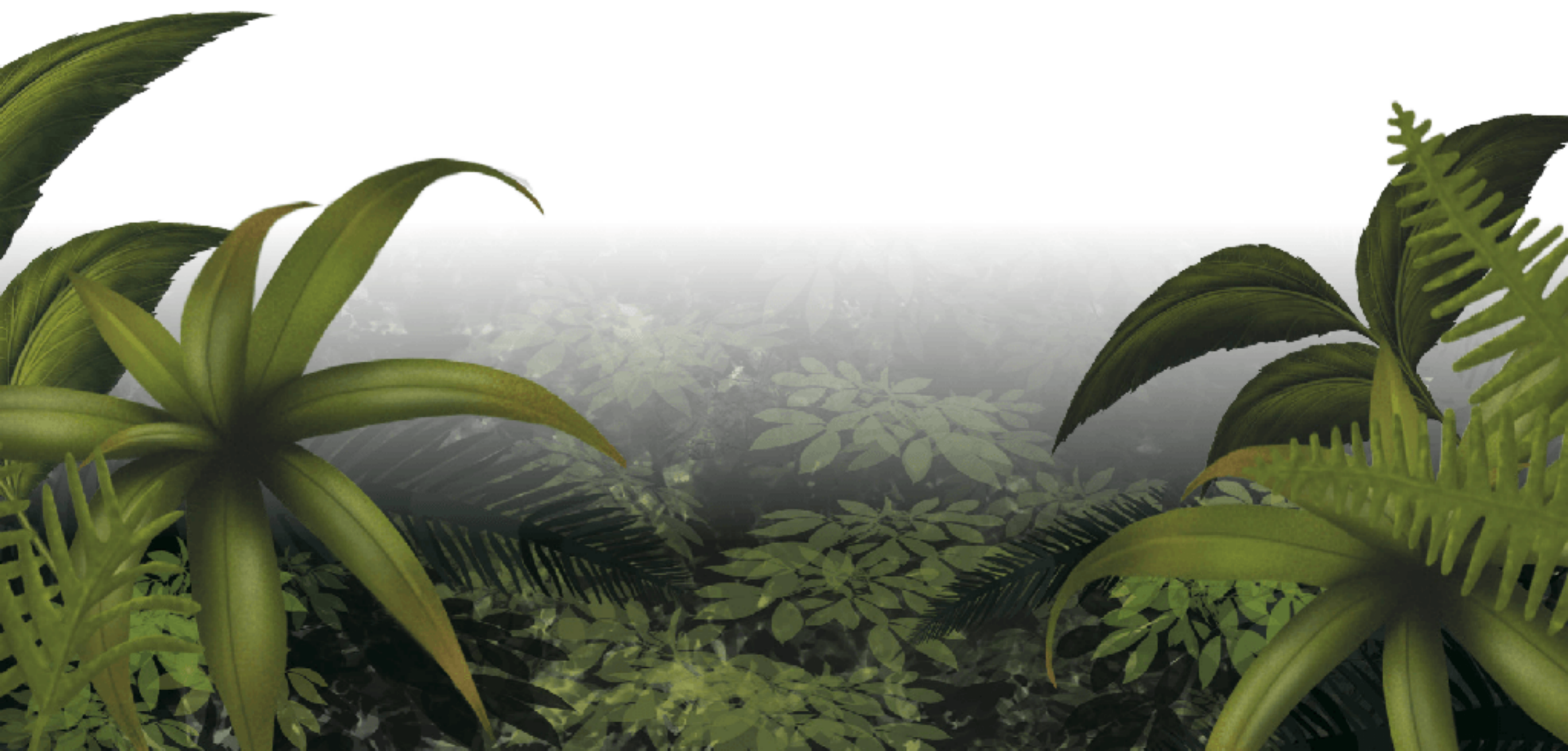
O foco narrativo é múltiplo, sendo a narrativa assumida por vários narradores, cujas falas são de algum modo ordenadas. Essa fragmentação indica não só um traço do romance pós-moderno, como também possui um significado mais amplo: esse foi o recurso usado para dar a palavra a todos, como um sinal de democratização da voz, um traço da utopia.

É predominante o clima de diálogo. Os guerrilheiros conversam uns com os outros, consigo mesmos e também com o espaço que há ao redor deles. O texto expõe, principalmente, as longas conversas a respeito dos contornos do país que nascerá após a independência. O entrave das questões parece ainda pular das páginas e se colocar ao leitor, que talvez fosse um potencial guerrilheiro desejoso de se ver representado.

A tensão é inerente a cada passagem, sempre à espera de um ataque; porém, é mais forte o constante sentimento da liberdade de discussão, de convite à troca de experiências. Dessa forma, a narrativa é por si só um ato vitorioso perante o colonialismo. Uma das estratégias do regime ditatorial é impedir a livre expressão e a circulação de ideias. As narrativas de Pepetela, no entanto, não abrem mão da comunicabilidade.

*É bom falar, é bom conversar com um amigo, a quem se abre o coração. Sempre que estiveres atrapalhado, vem ter comigo. A gente papeia. Guardar para si não dá, só quando se é escritor. Aí um tipo põe tudo num papel, na boca dos outros. Mas, quando se não é escritor, é preciso desabafar, falando.*

Ao inserir esse ambiente do diálogo em todas as instâncias, o narrador imprime no romance um traço da tradição oral, tão presente no país. O resultado linguístico dessa aventura é a unificação das diferentes vozes, sem desrespeitar as particularidades de cada uma. Novas identidades se formam com esses homens que querem se tornar livres. Diferentes povos, línguas e tradições querem alcançar uma nacionalidade comum.



## Mayombe – o espaço do diálogo

A floresta do Mayombe se torna uma alegoria: além de ser o espaço do diálogo, um elemento essencial do texto, a floresta assume uma personificação. O território africano foi invadido e devastado pelo colonizador. Em contrapartida, a natureza exuberante é acolhedora de seu povo oprimido, que nessa etapa está rebelado contra o invasor.

*[...] Em breve acordariam com a chuva miudinha que primeiro só molharia a copa das árvores e começaria a cair das folhas quando já tivesse parado de chover. Tal é o Mayombe, que pode retardar a vontade da Natureza.*

*As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas.*

*As folhas secas estalavam sob as botas, mas os estalidos eram abafados pelo ruído da serra devastando o Mayombe. Os guerrilheiros encavalitaram-se num enorme tronco caído. Deixara de respirar, monstro decepado, e os ramos cortados juncavam o solo. Depois de a serra lhe cortar o fluxo vital, os machados tinham vindo separar as pernas, os braços, os pelos; ali estava, lívido na sua pele branca, o gigante que antes tratava o vento e enviava desafios às nuvens. Imóvel mas digno. Na sua agonia, arrastara os rebentos, os arbustos, as lianas, e o seu ronco de morte fizera tremer o Mayombe, fizera calar os gorilas e os leopardos.*

### Observação:

A floresta do Mayombe é composta de florestas densas e úmidas, situadas entre 400 m e 930 m de altitude, com extensão de cerca de 10.000 km<sup>2</sup> ao longo de uma estreita faixa paralela à costa atlântica.

## Área da floresta Mayombe



Por um lado, ganha a guerra aquele que tem mais condições de aguentá-la. Além da força física dos soldados, suas estratégias e sua organização, tudo depende também do dinheiro empregado nas operações. Aqueles que contavam com bases de apoio tinham muito mais chance de vencer um combate do que aqueles que dormiam na floresta úmida por dias sem suprimentos. Porém, estes que se deitavam entre as folhas da mata estavam mais integrados com a floresta e conheciam melhor o espaço das emboscadas.





Às cinco horas atingiram o alto da montanha, exaustos. Depois de curto descanso, principiaram a descida, pois à noite era impossível dormirem na montanha, por causa do frio. A descida, embora mais rápida, era mais perigosa que a subida. O Comissário escorregou e rebolou na lama, até se conseguir agarrar a uma liana. As pernas tremiam, pelo esforço de se aguentarem. Os joelhos doíam. Os sacadores impeliam os homens para a frente, para o abismo. A chuva continuava a cair. Às seis horas escureceu totalmente e eles ainda não tinham descido a montanha. O resto foi feito quase de rastos, na escuridão da montanha traiçoeira, a chuva fustigando o rosto. Quando algum caía, os outros não tinham esperança de o reencontrar. Chegaram finalmente ao rio. A noite não permitia procurarem um sítio mais ou menos seco para acamparem. Deixaram-se cair numa espécie de clareira, controlaram o grupo para ver se estavam todos. Felizmente, ninguém faltava. Abriam os sacadores, onde tudo estava molhado, o pano de dormir, a comida, as munições, tiraram latas de leite e beberam o leite frio, pois não se poderia acender fogo com aquela chuvada.

## Formação política

O período de tempo em que se desenrola a ação é bastante curto. Porém, desde o início podemos observar que os instantes que determinam o desenvolvimento da utopia, da libertação e da formação da nação estão concentrados. São constantes os momentos de reflexão suscitados pelos acontecimentos, e chega a ser insistente a atenção dada à necessidade de se instruir.

*Consciência política, consciência das necessidades do povo! Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada diziam. Como age em cada um deles essa dita consciência?*

*As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre do outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar.*

No início, estavam todos unidos contra um inimigo comum. São dados todos os sinais de que a independência é um ponto de consenso, uma necessidade inquestionável; não parece haver muitas dúvidas de que o objetivo da independência será alcançado. O problema reside no que virá após a independência. Quem serão os governantes e como conduzirão o país?

Há uma tensão constante entre os guerrilheiros, pois diferentes tribos (antigos inimigos) são colocadas em um mesmo grupo que tem uma hierarquia própria. Assim, as diferenças entre eles parecem não ter solução, e essa ambiguidade é colocada nas contradições expostas pelas falas de cada personagem e enriquecem o ponto de vista narrativo.

Conforme a narrativa se desenrola, vão-se mostrando os sinais de avanço da luta, bem como os sinais da fragilidade do tão almejado projeto pós-independência. Há a consciência de que o projeto utópico é impossível de se concretizar, mas, no final, alguns fatos apontam para um desfecho otimista: o integrante corrupto (André) é expulso, guerrilheiros são promovidos, há uma expectativa de que Ondina e o Comissário reatem após a intervenção do Comandante, e os trabalhadores aderem à luta. Esse conjunto de fatos parece levar o Comandante a prever a vitória dos guerrilheiros, em uma pronúncia realizada quase aos suspiros à beira da sua morte.



# QUESTÕES

**1.** *Quase com lágrimas nos olhos deu a ordem de partida. O cortejo de cinco homens meteu-se na mata, na noite, em passo acelerado, ritmado por um Comissário que fugia, como louco, para não desesperar, correndo para sua base, onde as coisas eram normais, onde os homens faziam o que podiam para lutar e para esquecer o clima que reinava nas suas costas. O dia rompeu e o Comissário não parou. À frente do grupo, contra todas as medidas de segurança, voava sobre o trilho escorregadio, indiferente aos pedidos dos homens que queriam beber água, indiferente às lianas que lhe batiam na cara, defraudado, violado, jurando vingança, procurando a companhia e a segurança de Sem Medo, que já se não desiludia de nada, porque com nada se iludia.*

Quando o Comissário volta de Dolisie, ele demonstra um sentimento de alívio por retornar à base que se esconde no meio da floresta do Mayombe. Explique como esses dois espaços se opõem.

**2.** *Recuso-me a acreditar no que diz Sem Medo. Lá está ele, ali, no meio dos jovens, rasgando-se nas raízes da mata, rastejando, triturando os ombros contra o solo duro, putrefacto e húmido do Mayombe, enrouquecendo com os gritos e imprecações que blasfema, emasculando-se no sémen da floresta, no sémen gerador de gigantes, suando a lama que sai da casca das árvores, beliscando-se nos frutos escondidos por baixo das folhas caídas, lá está ele, ali, no meio dos jovens, ensinando o que sabe, totalmente, entregando-se aos alunos, abrindo-se como as coxas duras duma virgem, e ele, que está ali, diz que o faz interesseiramente.*

A cena explicita um procedimento que deflagra um tipo de relação humana entre Sem Medo e a floresta do Mayombe. Explique.

**3.** *Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão ao mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. É como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até se poderem governar.*

Nesse trecho, o narrador produz uma contradição. Identifique-a e explique.

- 4.**
- *Tens de te habituar aos homens e não aos ideais. O cargo de Comissário é espinhoso, por isso mesmo. O curioso é que vocês, na vossa tribo, até esquecem que são da mesma tribo, quando há luta pelo posto.*
  - *O que não quer dizer que não há tribalismo, infelizmente. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo.*
  - *Eu sou kikongo? Tu és kimbundo? Achas mesmo que sim?*
  - *Nós, não. Nós pertencemos à minoria que já esqueceu de que lado nasce o sol na sua aldeia. Ou que a confunde com outras aldeias que conheceu. Mas a maioria, Comandante, a maioria?*
  - *É o teu trabalho: mostrar tantas aldeias aos camaradas que eles se perderão se, um dia, voltarem à sua. A essa arte de desorientação se chama formação política.*

Com base no texto, explique por que a formação política na situação apresentada, da luta pela libertação de Angola, deve ser dada a partir de uma desorientação.

**5.** [...] Quando alguém afirma que tem de acreditar no desinteresse de alguns homens, porque isso corresponde à ideia que ele tem da humanidade, mesmo que os factos mostrem o contrário, então que é isso? Tem-se uma ideia preconcebida do gênero humano, uma ideia otimista. Por isso, recusa-se toda a realidade que contrarie essa ideia. É o esquematismo na política. É um aspecto religioso, uma concepção religiosa da política. Infelizmente, é a maneira de pensar de muitos revolucionários.

[...]

– Penso que é como a religião – disse Sem Medo. – Há uns que necessitam dela. Há uns que precisam crer na generosidade abstrata da humanidade abstrata, para poderem prosseguir um caminho duro como é o caminho revolucionário. Considero que ou são fracos ou são espíritos jovens, que ainda não viram verdadeiramente a vida. Os fracos abandonam só porque o seu ideal cai por terra, ao verem um dirigente enganar um militante.

Considerando o exposto, de que maneira a ideologia política é comparada à concepção religiosa na obra em questão?

**6.** [...] Tenho procurado sempre dominar-me, vencer-me... compreendes? É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas, que apresenta constantemente uma vontade de ferro... Há um que tem vontade de chorar, de ficar no caminho, porque o joelho dói, e outro que diz que não é nada, que pode continuar. Porque há os outros! Sei que, sozinho sou

um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, a ver se dou um passo em falso para então mostrarem todo o seu racismo, a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro!

Os heróis do Mayombe, que realizaram a guerra de independência de Angola, são retratados de uma forma não convencional. Com base no texto, explique de que forma eles são representados e por quê.

**7.** Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem quer ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o mundo é geralmente maniqueísta.

[...]

Estou no Mayombe, renunciando à Manuela, com o fim de arranjar no universo maniqueísta o lugar para o talvez.

Explique como o narrador do texto se identifica com a justificativa de sua luta.

**8.** Houve quem estendesse a lona no chão molhado para dormir. A maior parte, porém, deitou-se mesmo diretamente no chão, tapando-se com o pano já molhado.

- De vez em quando mexe os braços e as pernas – disse Sem Medo ao Comissário. – Senão podem ficar fixos ao chão, pois o clima aqui é tão fértil que, com a chuva, se criam raízes dum dia para o outro. Boa noite, sonhos cor-de-rosa!

Ao dizer para mexer “os braços e as pernas”, como se dá o efeito bem-humorado da ordem pronunciada por Sem Medo ao Comissário?

**9.** [...] Quando há problema tribal, não vale a pena pensar quem é que tem a culpa. Se duma vez foi um que provocou, é porque antes o outro tinha provocado. Quem nasceu primeiro, a galinha ou o ovo? É assim com o tribalismo.

De que maneira o autor se posiciona diante do tribalismo?

- A) Mostrando que as provocações são antigas e insistentes.
- B) Defendendo que as questões tribais precisam ser resolvidas.
- C) Defendendo as relações provenientes das sociedades tradicionais.
- D) Mostrando-se indiferente ao assunto que não lhe convém.
- E) Apresentando uma solução prática para o fim dos conflitos.

**10.** Aos guerrilheiros do Mayombe,  
Que ousaram desafiar os deuses  
Abrindo um caminho na floresta obscura,  
Vou contar a história de Ogun,  
O Prometeu africano.

[...] E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvação de Prometeu,

arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhou Prometeu, ou o contrário?)

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiar os deuses.

Assim é Ogun, o Prometeu africano.

Ao mencionar Zeus e caracterizar Prometeu como “africano”, colocando-os ao lado de um “deus-Mayombe”, qual é a intenção do autor?

- A) Ele reforça a concepção de África como berço da civilização e reposiciona a tradição grega.
- B) Ele questiona a mitologia grega, procurando refazer as narrativas e corrigir as concepções históricas relacionadas à cultura angolana.
- C) Ele ironiza a tradição grega, rebaixando o mito de Prometeu ao compará-lo com a luta de libertação africana.
- D) Ele confere um estatuto maior à sua literatura ao incluí-la no rol das narrativas ocidentais.
- E) Ele se abre ao mundo ocidental na referência aos valores gregos, em uma estratégia oposta à exclusão do colonialismo.

# GABARITO

1. O Comissário desejava voltar de Dolisie para evitar o confronto com a noiva Ondina. O espaço da base é caracterizado pelo aspecto mais genuíno e prático da revolução; ali estão os guerrilheiros em plena ação de combate, escondidos e acolhidos pela floresta. Nessa área, os homens estão entregues à vivência de cada momento, seguros pela simplificação das questões de ordem prática relacionadas à necessidade de sobrevivência. Já em Dolisie, há espaço para a direção que o movimento tomará, para a formação dos militantes, para o planejamento e a complicação das questões, sendo um local representado mais pelos cálculos que pela própria ação da revolução.
2. A relação entre a personagem e o espaço chega a ser tão próxima que se torna erotizada. O Comandante está em relação de simbiose com a natureza, e a ligação entre o homem e o espaço chega a ser caracterizada como uma atração sexual.
3. O autor das palavras se contradiz em toda a sua fala. Ele diz, ao mesmo tempo, “que todos os homens são iguais”, mas que “uns estão mais avançados que outros”. Ao dizer que os mais avançados devem governar os outros, com base em seu próprio juízo, ele reproduz a mesma lógica colonialista que vem tentando combater nessa luta de libertação.
4. O movimento formado em prol da emancipação política de Angola precisava da união do povo para fazer uma revolução. Assim, nos mesmos núcleos foram reunidos grupos que eram anteriormente rivais. Essa herança da sociedade tradicional acabou gerando muitos conflitos dentro do partido que se formava. A desorientação de que o texto fala se refere à necessidade de abandonar essa questão relacionada a brigas antigas para poder criar um novo povo, orientado por valores de igualdade.
5. O texto aponta para a ineficácia da concepção religiosa na política, na medida em que ignora a realidade do gênero humano e a casualidade das ações. Segundo o autor, o desinteresse do ser humano não é uma prática real. Na política, os revolucionários, orientados pelo conceito da liberdade, devem estar abertos às novas realidades que lhes são impostas e avaliar cada situação com base em premissas flexíveis. O aspecto religioso é ineficaz nessa situação, pois, segundo o autor, mantém um modelo ideal que os homens devem seguir credulamente e sem permitir contestações.
6. Por meio dos narradores personagens que se colocam na narrativa, os guerrilheiros deixam transparecer suas aflições, angústias e dificuldades, o que lhes confere um traço humano aparentemente real. Caracterizados tradicionalmente como homens determinados, valentes e competentes, são também mostrados como seres reais, portadores de falhas e fragilidades, como qualquer ser humano. Essa estratégia narrativa corrobora os leitores a se identificarem com a história e confere um aspecto de veracidade relacionada com seus referentes históricos.
7. O narrador se refere ao racismo sofrido por ele, que é mestiço e não encontra uma posição em um duelo que (supostamente) tem apenas dois lados – o dos brancos e o dos negros. Essa insegurança relacionada com sua cor é um dos motivos que o leva ao combate pela independência.
8. Sem Medo sabe que a noite debaixo de chuva não será fácil e brinca com a dura situação de dormir sobre o chão molhado. Ao dizer que “podem ficar fixos no chão”, ele se refere à total simbiose entre os homens e a floresta. Da mesma forma que o Mayombe é personificado, caracterizado com traços humanos, os homens, agora, são os que podem se tornar parte da floresta. Além dessa relação de identidade, Sem Medo brinca com o perigo iminente que os guerrilheiros enfrentam, pois correm o risco de não saírem mais dali.
9. A
10. E

# AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

SISTEMA DE ENSINO  
**POLIEDRO**

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Fone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)